Capítulo 3

Herança genética

Segunda-feira, 1 de outubro de 2012

Makise Kurisu estava terminando de arrumar seus pertences no RIKEM, quando lhe disseram que não iria trabalhar sozinha.

- Prazer em conhecê-la, Makise-sensei! - um jovem ruivo a cumprimentou. - Meu nome é Usui Keitarou. Espero aprender muito com você.

As mãos e as pernas do jovem tremiam porque ele não aguentava a estranha sensação que aquele encontro lhe dava. Ele não havia percebido o significado de viajar para o passado: a tecnologia obsoleta, a moda fora de moda, o ar diferente da cidade, nenhuma dessas coisas o fez entender. Não até ver pessoalmente o rosto mais jovem de sua mãe.

Naquele momento, ele temia que seu plano pudesse desmoronar. Ela estava demorando muito para responder à saudação, como se tivesse um problema preocupando sua mente. Ela o reconheceu? Estava brava? O censuraria por ter roubado uma máquina do tempo que ela havia projetado? Por viajar para o passado para espioná-la?

Não, não havia como expô-lo: foram anos antes de ele nascer. Mesmo assim, Keitarou a respeitava, sentia-se culpado por mentir sobre sua identidade.

Kurisu simplesmente se limitou a olhar para o jovem com curiosidade. Ela não podia ver claramente o rosto dele, porque ele se curvou ao cumprimentá-la; em vez disso, ela observou o longo jaleco que ele usava. Tinha um tom amarelado e estava desgastado, como se tivesse sido usado intensivamente por vários anos. Só de olhar, ela sabia que era do estilo e tamanho que trouxe para o Okabe do Estados Unidos, para presenteá-lo no último Natal.

Okabe usava o tempo todo, até no dia anterior. Isso significava que ele realmente gostou. Naquele ano, em vez de trocar presentes, eles poderiam sair juntos e se divertir. Era algo que os casais japoneses faziam...? Mas não, antes de pensar nessa possibilidade, ela precisava conversar com Mayuri sobre quem iria confessar primeiro. Havia também a opinião de Okabe para ser ouvida, será que ele gostaria de sair? Ela não achava que ele era o tipo de cara que preferia passar a véspera de Natal jogando jogos de tabuleiro em casa ou assistindo anime, ou era?

O Dr. Yamagata, que era o chefe do laboratório de Pesquisa em Neurotecnologia o que os apresentou, fez um movimento de cabeça em sua direção para que ela o respondesse. Kurisu então percebeu que ela se distraiu pensando em Okabe enquanto o jovem "Usui" esperava em sua posição curvada, nervoso devido à longa pausa.

-Prazer em conhecê-lo também, Usui-san. Espero que possamos trabalhar bem juntos. - Ela disse com cortesia.

Depois que a introdução terminou, Keitarou relaxou.

Sua infiltração foi um sucesso: ela não parecia suspeitar de sua verdadeira identidade. Em vez disso, Yamagata não parecia convencido com sua presença.

-Parece que esse cara terminou a faculdade nos Estados Unidos e aos 17 anos. Ele foi admitido no programa Junior do Instituto e designado para este laboratório para trabalhar conosco. Isso aconteceu tão rápido e em um tempo tão incomum que parece que veio do nada. - O homem disse enquanto lia pensativamente a folha com as informações do recém-chegado. - Enfim, perguntei aos outros membros se eles queriam se encarregar de integrá-lo, mas todos disseram que estavam ocupados com seus projetos. Faça-me um favor e o mantenha com você, Makise-san, se não, eu terei mandá-lo de volta para os americanos, ho-ho-ho!

Yamagata Shouhei era um homem de estatura baixa, com cabelos grisalhos, óculos e uma barriga grande. Devido à sua aparência e sua estranha risada, ele obteve o apelido de "Papai Noel da Ciência Japonesa". Todos os membros do laboratório estavam acostumados com sua personalidade excêntrica, mas seus últimos risos pegaram Makise Kurisu e Usui (o ex-Okabe) Keitarou desprevenidos.

Quando ele terminou de rir, o cientista notou os olhos azuis violáceos que o olhavam confusos. Ele percebeu que não era comum dois japoneses compartilharem essa pigmentação e, com a perspicácia de uma pessoa que dedicou toda a sua vida à pesquisa da natureza, perguntou-lhes:

-Espere um momento, você não vê duas pessoas talentosas ruivas todos os dias. Vocês são parentes?

Keitarou sabia que o que o homem adivinhou não era um delírio. A produção e distribuição de melanina são características transmissíveis de uma prole. Conhecendo esse princípio, não era extraordinário que mãe e filho tivessem a mesma cor de olhos e cabelos. Era uma questão de herança genética.

Ele ficou em dúvida do que responder, mas Kurisu foi na frente dele:

-Não me lembro de ter um parente com o sobrenome Usui. - Ela disse.

-Eu também não tenho um membro da família chamado Makise. - Ele adicionou.

-É melhor assim! - Yamagata exclamou. - Seria uma pena que a inteligência fosse mantida em certas famílias, haveria muito pouco para o resto de nós. Agora, vão trabalhar, ho-ho-ho!

Enquanto o via se afastar, Kurisu sentiu que tinha a honra de conhecer o grande Anzai-sensei pessoalmente, enquanto Keitarou se perguntava se, em vez de Usui, ele deveria ter escolhido Sakuragi como sobrenome. Com as introduções e referências desnecessárias concluídas, eles finalmente ficaram sozinhas.

Ela olhou para o jovem desconhecido com quem trabalharia e pensou que seria bom que para a coexistência que o conhecesse melhor.

-Bem, Usui-san, Yamagata disse que você vem dos Estados Unidos, você é meio americano?

Para Keitarou, a pessoa que ele tinha à sua frente era a mulher de quem ele recebeu 22 autossomos, um alossoma e todo o seu DNA mitocondrial. A primeira pessoa que conheceu e com quem viveu a maior parte de sua vida. Mas ela não conseguiu reconhecê-lo.

Ele acreditava que, embora controlasse o conteúdo de suas palavras, não haveria problema em fornecer algumas informações.

-Não, meus pais são japoneses, mas moramos no exterior desde que eu era criança. Eu fiz meus estudos lá.

-O que você estudou na faculdade? - Kurisu perguntou depois.

-Fiz vários cursos de física avançada, mas minha área de especialização é neurociência. Fiz meu projeto final nessa área.

-Ele também disse que você se formou aos 17 anos.

-Isso mesmo, apesar de completar 18 anos em julho.

Kurisu pensou por um momento no que ouviu.

-Isso é intrigante, parece que você e eu temos algumas coisas em comum.

-Você acha? Mas deve ser uma coincidência, Makise-sensei.

Keitarou não podia culpar a herança genética de suas escolhas acadêmicas errôneas. Essa foi a decisão de um adolescente confuso, que tomou sua mãe como exemplo a seguir.

Isso não precisava de explicação naquele momento.

-Então, o que a trouxe de volta ao Japão? - Kurisu continuou perguntando.

-Eu tinha alguns amigos em Tóquio e queria estar perto deles...

Os chamados "amigos", não eram mais do que um único amigo de infância. Embora, no futuro, ele nunca tenha dito à mãe sobre seus sentimentos por Hashida Suzuha.

-... então, mudei-me para Ikebukuro com meus avós. - Ele acrescentou depois.

-Ikebukuro? Você mora lá?

Keitarou percebeu seu deslize.

-Eu disse Ikebukuro? Eu quis dizer Itabashi! Sim, é onde eu moro agora.

Ele se deixou levar pela familiaridade e deu mais informações do que o necessário. Ele precisava ter mais cuidado.

Apesar da correção, ao olhar para o rosto do garoto, Kurisu viu por um instante, na sua frente um jovem de 18 anos de jaleco e de Ikebukuro que conheceu há dois anos. Ela logo percebeu que não era o caso, e antes de se empolgar pensando em Okabe novamente, ela decidiu se concentrar em manter a conversa.

-É estranho para mim nunca ter ouvido falar de você, Usui-san, sobre o que foi sua pesquisa?

-Bem, era sobre… - Ele começou a se perguntar se deveria responder ou não. - ... sobre a recuperação de memórias em tipo de amnésia.

-Isso parece interessante. Qual revista publicou os resultados? Estou surpreso por não ter lido ainda. - Kurisu comentou.

Ele teve que confessar que o trabalho foi publicado em uma revista com baixo fator de impacto, passando notoriamente despercebido pela comunidade científica? Ela descobriria mais cedo ou mais tarde.

-O trabalho não foi tão bom e não teve nenhuma repercussão. Não estou surpreso que você não tenha notado. - Ele respondeu, um pouco decepcionado consigo mesmo.

-É uma pena ouvir isso, mas eu gostaria de ler de qualquer maneira, você poderia me dar uma cópia?

-Eu te mando um depois.

Mas ele não faria isso. O artigo foi datado em 2035, por isso estava fora de qualquer possibilidade.

-Quem foi o diretor do seu laboratório? Talvez eu conheça a pessoa.

Ele diria a ela que seu diretor de laboratório era um especialista no campo da inteligência artificial e neurociência computacional? E que ela era uma pessoa conhecida em sua família, com uma altura e personalidade peculiares?

Não, se ele continuasse respondendo, a curiosidade daquela mulher a faria querer ainda mais e mais. Assim, eles logo chegariam ao ponto em que ele também teria que lhe dizer que seu pai era um inventor, sua irmã um tipo de prodígio de informática e sua mãe... bom, seria evidente quem ela era.

Ele teve que terminar o interrogatório.

-Eu pertencia a um pequeno grupo e acho que você não conhece meu supervisor. - ele respondeu às pressas. - Por outro lado, você é muita famosa no campo. Em vez de continuar falando sobre mim, gostaria de saber o que você tem para me ensinar, Makise-sensei.

-Espere, Usui-san, eu não acho correto que você me chame de "sensei". - Kurisu interrompeu. - Quero dizer, eu não terminei meu doutorado e parece estranho ser chamado assim.

-Peço desculpas, não quis deixar você desconfortável!

Mais uma vez, a familiaridade foi contra ele. No futuro, todos os seus alunos a chamavam de "Makise-sensei", indistintamente de sua nacionalidade. Era um tipo de costume na Universidade que até o filho respeitava, mas havia sido um erro usá-lo com tanta antecipação.

-Tudo bem se eu te chamar de Makise-senpai?

Ao ouvir essa palavra, uma pessoa conhecida com uma determinada altura e caráter veio à mente de Kurisu. A imagem mental a fez estremecer ao se lembrar do aviso: "não queremos você de volta sem um namorado."

-Para ser sincera, também sou nova aqui. - ela respondeu olhando em volta - Makise-san será bom o suficiente para mim.

Ele só pôde balançar a cabeça em resposta. Ele tinha medo de estragar tudo e chamá-la de "mãe", mas se controlaria o máximo que podia.

Kurisu sentiu uma vibração dentro de suas roupas.

-Suponho que devemos parar o bate-papo; temos trabalho pendente. - Ela disse, tocando repetidamente no bolso. - E se começarmos a calibrar o equipamento? Você sabe como fazê-lo, Usui-san?

-Sim! Eu farei isso imediatamente, Makise-san!

O jovem foi direto para cumprir sua tarefa.

Mas antes de segui-lo, Kurisu levou um momento para tirar o telefone e responder à mensagem RINE que ela acabara de receber.

* * *

Sexta-feira, 5 de outubro de 2012

Sendo sexta-feira à tarde, Makise Kurisu concluiu a última rodada de experimentos. Ela esticou os braços e caminhou em direção ao parceiro, encarregado de registrar os resultados.

-Bem, quantos nós temos com o último? - Ela perguntou.

-698 total. - Keitarou respondeu, lendo a tela. - 236 no primeiro e segundo grupos e 231 no restante.

-Isso será suficiente para começar.

Foi uma amostra de tamanho considerável, adequada para fazer uma boa comparação estatística. Ela parou por um momento para pensar no número: não se lembrava de ter coletado tantos dados experimentais por conta própria antes. Mas agora que ela tinha acesso a um parceiro com capacidade para acompanhar seu ritmo, o trabalho intensivo daquela semana terminou mais rápido do que ela acreditava ser possível.

Kurisu estava acostumado a trabalhar sozinha. As pessoas tinham medo dela devido ao seu status de garota prodígio e, portanto, fugiam dela, mas ela devia admitir que essa nova experiência de trabalho em equipe estava sendo satisfatória.

O jovem Usui trabalhava em um software com os números obtidos. Kurisu não pediu para ele fazer nada em particular, ficou tão intrigada com o que ele estava fazendo, que ela se aproximou dele.

Keitarou, que a conhecia bem o suficiente, não precisava que ela pedisse algo para informá-la do que ela queria saber.

-Estou inspecionando se existem dados aberrantes e verificando o tipo de distribuição para aplicar os testes paramétricos.

Kurisu não respondeu ao seu comentário. Em vez disso, ela dedicou-lhe um olhar prolongado que refletia incerteza.

Ele temia que houvesse algum tipo de problema, caso contrário, por que ela estava olhando para ele dessa maneira?

-Com licença, estou cometendo um erro, Makise-san? - Ele perguntou.

-Não, você está indo bem. Por favor, continue.

Ela se afastou, mas não parou de olhar para ele enquanto pensava: O que era? O que havia de especial em Usui Keitarou que a lembrava tanto de Okabe Rintarou quando o olhava diretamente? Havia semelhanças entre eles? Se fosse esse o caso, quais?

Mas havia a possibilidade de que o problema não passasse de um sentimento dela. Eles eram duas pessoas diferentes.

Usui Keitarou foi respeitoso e educado em seu tratamento. Como parceiro de laboratório, ele havia superado suas expectativas pessoais: eles se entendiam bem. Ele estava sempre disposto a fazer

o trabalho, conhecia todos os procedimentos e podia se antecipar aos passos a seguir. Ele era bem treinado nas tarefas diárias de um cientista, talvez porque estivesse sob a supervisão de um bom diretor.

Mesmo assim, às vezes, o jovem agia inseguro diante da presença dela. Ela percebeu que ele a chamou de "mãe" uma vez, embora ele tenha corrigido imediatamente. Outras vezes, ele não reagiu ao sobrenome, como se não estivesse sendo chamado. Houve momentos em que ele ficou nervoso quando conversaram sobre coisas do dia-a-dia, ou quando ela o lembrou de lhe enviar uma cópia de seu artigo. Talvez ele tenha sido tímido com o trabalho anterior porque havia evitado falar sobre isso.

Por outro lado, Okabe Rintarou imaginava ser um "cientista louco", papel que ele executou sob o pseudônimo ridículo "Hououin Kyouma". Com sua personalidade excêntrica e muitas vezes desagradável, Okabe tendia a expressar sua opinião sobre os assuntos que o interessavam, mesmo quando ele não tinha o conhecimento teórico necessário para defender seus argumentos. Toda vez que debatiam sobre ciência, Kurisu terminava lhe dando uma surra, talvez como uma vingança pela chuva de apelidos que ela recebia.

Okabe também não era organizado quando se tratava de fazer experimentos: ele não se importava em escrever relatórios dos resultados, sem contar que ignorava a maioria dos modelos estatísticos, próprios da pesquisa quantitativa. Ele tendia a pular ou reordenar as etapas do método científico a seu critério e quando o Laboratório de Aparatos Futurísticos tinha um projeto, quase sempre sua execução ficava sob Hashida Itaru ou Kurisu, que resolvia os obstáculos técnicos.

Mas ela não negou que ele às vezes tinha idéias muito boas. Especialmente, sua grande força residia em ter uma grande convicção e em não desistir facilmente diante de um problema. Mas esses eram elogios que ela não se atrevia a dizer pessoalmente.

Nesse momento, eles tiveram uma discussão ativa por meio do RINE, discussão que eles não conseguiram resolver ao longo da semana. Agora que Kurisu havia terminado sua parte do trabalho, ela poderia fazer uma pequena pausa para usar o telefone.

Keitarou, por sua vez, continuou sua tarefa sem muitas emoções e fazendo um esforço para resistir a vontade de desistir a cada momento. Ele fez seu trabalho rapidamente, não porque era o passo certo a dar, mas com o objetivo de terminar essa tarefa torturante. Ele pensou que poderia terminar logo, mas, ao examinar um a um os números que obtiveram, começou a sentir que as coisas não estavam indo bem. Não parecia que apenas alguns dados estivessem errados, mas todos eles tinham uma certa carga dispersiva que, em teoria, não deveria existir.

Ele se levantou para revisar a máquina com a qual eles realizaram a experiência: não, o erro não estava na calibração inicial do aparelho que Keitarou fazia, nem nos parâmetros de ajuste. A culpa parecia ser que sua mãe o usou de maneira incorreta. Yamagata os avisou que um dos dois sensores que a máquina estava quebrada e tendia a fornecer valores desviados, tanto mais altos quanto mais baixos que o real. Ela usara esse sensor em vez daquele que funcionava corretamente. Devido à falta de consistência com a qual as medidas se desviaram, seria difícil corrigir o problema. Mesmo que testassem, os números não iriam representar aquilo que, na realidade, eles queriam medir.

Em conclusão: o experimento não pôde ser salvo. Tinha sido uma semana de trabalho desperdiçado em vários resultados inúteis. Uma falha total. Um desperdício. A única alternativa era fazer tudo desde o começo.

-Há algo acontecendo com os dados? - Kurisu perguntou de seu assento ao olhar para o olhar preocupado do jovem.

-Não é nada! - Keitarou respondeu rapidamente. - Está tudo em ordem, Makise-san.

Ela voltou à conversa por telefone.

Para ele, era melhor esconder, ele não queria fazer as 698 experimentos novamente. Pensar em repetir a experiência seria um pesadelo.

Ele não tinha viajado de volta ao passado com a intenção de trabalhar em um laboratório, ele teria preferido que Hashida Suzuha o obrigasse a praticar com seu salto de bungee Jump no Tokyo Sky Tree. Além disso, por que ele cometeu o erro de estudar neurociência? Hiyajo-sensei o avisara: nunca se torne algo que persiga a sombra de outra pessoa, especialmente uma tão grande quanto a de sua mãe.

Seu único objetivo ao ficar ao lado dela era assistir tudo o que ela estava fazendo naquele momento. Mas nada disso tinha relação com o aparato futurístico anônimo e o experimento desconhecido que ele esperava encontrar.

Além disso, o trabalho científico que estavam realizando não importava: ele sabia de antemão que falharia. Foi impresso na história pessoal de sua mãe, que lhe disse que sua experiência em pesquisa em Wako havia sido a pior de sua carreira. Embora ele quisesse ajudar a evitá-lo, era provável que a linha do mundo onde eles estavam voltasse a convergir e algo a mais falhasse depois, chegando na maioria das vezes à mesma conclusão.

Mas além do capricho do destino, Keitarou se perguntou por que ela não conseguia perceber o problema sozinha.

Sua mãe era uma cientista de alto nível e muito respeitada por seus iguais no futuro devido ao seu senso agudo quando se tratava de pesquisar. Esses tipos de erros não eram apropriados dela, pelo contrário, eles pareciam pertencer ao trabalho de um amador.

Ela não estava completamente focada no que estava fazendo, então talvez não tenha prestado atenção ao aviso inicial de Yamagata. Toda vez que tinha chance, ela digitava uma mensagem e depois checava o telefone várias vezes. Ela esperava ansiosamente por uma resposta.

-Heh! O que há de errado com esse idiota agora? - Kurisu exclamou em voz alta depois de ler a mensagem que seu telefone havia recebido. - Ele quer que eu transforme seu hipocampo em um vaso de flores?

Os cientistas que estavam presentes no laboratório se viraram para olhá-la diante da exclamação, mas ela não parecia interessada em ninguém além da pessoa do outro lado da tela.

Para Keitarou, não havia dúvidas sobre a identidade do interlocutor: era a pessoa de quem ele herdara 22 cromossomos autossômicos, além de um cromossomo sexual do tipo Y, seu segundo progenitor biológico. Eles estavam em contato.

Naquela época, seu pai não era mais do que um estudante universitário comum, como muitos cidadãos japoneses. O que havia de especial nele para um gênio como sua mãe dar tanta atenção à sua loucura? Keitarou não entendeu. Mas ele sabia que ela e aquele homem teriam um filho em seis anos, produto do destino da divergência.

Mesmo com isso, mais três anos se passariam antes de se casarem. Um pouco depois eles teriam uma filha, embora ela acontecesse sem que eles pudessem evitá-la. A partir desse momento, a família Okabe ficaria completa e eles manteriam o casamento funcionando por mais 15 anos, pelo menos até o dia em que seus filhos roubassem a máquina do tempo.

Isso é o que aquela linha do mundo estava esperando por ela.

-Makise-san, posso lhe dizer uma coisa?

Kurisu levantou a cabeça e prestou atenção nele.

-Sim, diga-me, sobre o que é?

Hashida Suzuha o censurou por dar muita importância ao fato de que seus pais não serem casados quando ele nasceu. Por que isso importa afinal? Isso fez alguma diferença? Ela sabia que Makise Kurisu e Okabe Rintarou amavam seu filho, mesmo quando ele sofria de uma amnésia estranha.

Mas Suzuha realmente não conhecia os segredos da família Okabe. Segredos que Keitarou poderia revelar à pessoa que, naquele momento, esperava atentamente para ouvir o que ela tinha a dizer.

Ele poderia dizer a ela que os problemas da família começariam antes de ele nascer, em teoria, em algum momento no decorrer daquele ano. Tudo devido a um experimento que Okabe Rintarou faria, provavelmente com a ajuda de seu "assistente". Um evento tão estranho e inexplicável que alteraria o espaço-tempo quântico como era conhecido e, com isso, o futuro.

Ele nunca tentaria consertar isso e não deixaria ninguém tentar. Ele defenderia essa posição, chamando-a de "a escolha de Steins Gate".

Apesar de Makise Kurisu ser indiferente às mudanças nas linhas do mundo, ela teria que estar no comando de uma família que não seria uma. Sua descendência levaria esse fenômeno genético chamado "Reading Steiner" e isso também marcaria seu próprio destino.

A mãe dele insistiu de que não se arrependia de suas decisões. Que ela aceitava sua realidade como era: os problemas que eles tinham não eram tão graves nem impossíveis de gerenciar. Afinal, toda família tem suas peculiaridades.

Mas Keitarou sabia que sua versão do passado teria a oportunidade de escolher novamente.

Se ele lhe explicasse o que significava ser um membro da família Okabe, se lhe explicasse como eles viveriam sua vida no futuro, talvez desta vez, ela preferiria seguir um caminho diferente. Um desconhecido, mas talvez mais fácil.

Keitarou não a culparia por isso. Seria lógico se fosse esse o caso.

-Usui-san, você quer me dizer uma coisa?

Kurisu começou a ficar impaciente com o repentino mutismo de seu interlocutor.

-Não é nada Makise-san. Me desculpe, eu não queria incomodá-lo. - Ele respondeu.

Dizer a verdade pode mudar tudo, mas é melhor não se apressar em tomar medidas que não poderiam ser tomadas.

Ele estava no passado, e para poder assumir a responsabilidade de fixar o futuro com as próprias mãos. Ele só precisava encontrar o caminho certo para fazê-lo.

Kurisu parecia confusa: Usui estava agindo de novo estranho. Ela queria perguntar a ele sobre o assunto naquele momento, mas seus olhos foram para o relógio digital.

-Acho que é hora de partir.

Ambos organizaram suas estações de trabalho, desligaram seus equipamentos e pegaram seus pertences. Mas antes de seguir caminhos separados, ela o chamou:

-A propósito, Usui-san, eu gostaria de lhe dizer uma coisa.

Keitarou moveu a cabeça para que ela soubesse que ele estava ouvindo atentamente.

-Você deveria trocar esse jaleco. Não parece bom que um cientista use uma roupa tão velha. Está muito desgastada e foi costurada com um fio rosa. - Ela disse, apontando para o ombro dele.

Ele olhou na direção do dedo dela: ela estava certa, era rosa.

Ele encontrou aquele casaco na casa dos avós, que deve ter pertencido ao pai no passado. Não que ele quisesse "imitá-lo", como Hashida alegava, mas ele compartilhava o mesmo tamanho de roupa e empacotou-o para a viagem porque não tinha outro disponível.

-Vou tentar conseguir um novo.

-Será melhor assim. - Kurisu consentiu - Vamos continuar com esse ritmo de trabalho na próxima semana, concorda?

-Concordo, Makise-san.

Ela se despediu e saiu primeiro. Momentos depois, Keitarou deixou o prédio. Ele esperou até que ninguém mais estivesse por perto e tirou o jaleco. Ele não gostava de usá-lo, não fazia parte do seu estilo pessoal. Felizmente, ele tinha uma bolsa com seu casaco preto e as luvas que Hashida lhe deu. Colocá-los o fez se sentir muito melhor.

* * *

Era fim de tarde em Wako. Eles trabalharam por mais horas do que ele imaginara.

Ele partiu para Itabashi, onde alugou um apartamento para ficar perto do Instituto. Era muito pequeno e não tinha mais do que uma cozinha, uma mesa e um futon. Ele não podia pagar a mais por uma comodidade mais cara do que aquela.

Foi a primeira vez que ele morava sozinho e não precisava cozinhar para outras pessoas como costumava fazer. No entanto, ter um restaurante como este parecia solitário. Mesmo quando passou o dia todo com a mãe, não teve a chance de compartilhar uma refeição com ela, da maneira que fariam no futuro.

Depois de terminar de lavar o prato, ele abriu um Dk.Pepper, enquanto ligava o telefone antigo. Era um pedaço da história antiga que ele não gostava de usar por medo de quebrá-lo, mas era hora de saber como estava sua amiga de infância.

Ele pressionou a opção de fazer uma chamada de vídeo e esperou até a linha ser conectada.

-Olá, Keitarou. Você finalmente nos ligou.

Do outro lado da tela, havia a figura pixelizada de Hashida Suzuha, com uma xícara de ramen na mão. Ela parecia estar em um quarto de hotel, e ele podia até ver sua irmã em um canto, olhando para um tipo de quadro.

-Olá, Hashida-san. Estou feliz em vê-lo novamente.

Ele ficou muito satisfeito em vê-la, porque era difícil testemunhar a figura de Suzuha de pijama e sem suas tranças distintas. Como uma lendária criatura digital que foi mostrada apenas a alguns escolhidos; embora à qualidade deficiente da chamada, talvez seja semelhante a encontrar MissingNo (Pokémon conhecido por ser um bug).

-Você não respondeu às mensagens e eu estava preocupado com você. - ela o repreendeu. - Acreditávamos que algo havia acontecido com você e que você estava chorando em algum canto.

-Me desculpe, eu não quis te preocupar. Eu estava ocupado e só agora pude falar em paz.

-Interessante. Deixe-me adivinhar o que você fez esse tempo todo.

Antes de continuar, Suzuha comeu seu último pedaço macarrão instantâneo e depois de limpar a boca, ela meditou sua resposta. Quando ela acreditou ter a resposta, acrescentou:

-Você gastou suas economias em um monte de material pornô e não teve tempo de ver tudo. Foi isso, certo?

Keitarou quase derramou sua bebida quando a ouviu.

-Você está enganado, Hashida-san, você sempre está! - Ele protestou. - E pare de fazer essas afirmações!

Esse tipo de comentário foi muito perturbador, embora talvez Suzuha não pudesse deixar de fazê-lo. Deve ser algo em seus genes. Para ela, a perversão era uma parte normal da natureza humana.

-Tudo bem, vou tentar não fazê-los, mas não fique bravo com isso. - ela se defendeu. - Se você não teve tempo de nos ligar, é porque alcançou seu objetivo, estou errada?

-Não, você está certa desta vez. Passei a semana inteira no RIKEM. Diga à minha irmã que agradeço a ela por me ajudar a me infiltrar.

Shizuka provavelmente podia ouvi-los, mas ela não parecia particularmente interessada na conversa deles.

-Você conseguiu ver sua mãe?

-Não só consegui vê-la, mas estávamos trabalhando juntos. - ele esclareceu.

-Sério? Eu pensei que você só queria espioná-la, mas parece que você foi direto para ela.

Não fazia parte do objetivo dele estar o tempo todo ao lado dela, mas era assim que as coisas aconteciam.

-Diga-nos Keitarou! Como é a tia Kurisu no passado?

Hashida Suzuha estava empolgado em ouvir sua experiência. Shizuka levantou a cabeça do quadro para prestar atenção.

-Eu não sei como explicar. Eu posso sentir que ela é a mesma de sempre, mas o fato de ser mais jovem me confunde. - ele indicou, meditando a questão. - Pelo menos, seu trabalho científico é tão intenso quanto no futuro, embora a parte mais estranha seja que ela está tão distraída quando faz isso.

-Distraído? Como assim? - Suzuha perguntou intrigada.

-Ela tende a se concentrar no que quer que faça, mas agora não para de checar o telefone o tempo todo. Tenho certeza de que ela está conversando com aquele homem, sabe, "Hououin Kyouma". Parece que ele é a causa dos erros dela neste momento.

Suzuha sorriu do outro lado da tela ao ouvir a última parte.

-Isso significa que o tio Okarin e a tia Kurisu estão muito próximos neste momento.

-Eu esperava que eles entrassem em contato quando mamãe voltasse ao Japão. Tentei verificar o telefone dela para descobrir o que eles planejavam fazer juntos, mas não tive a chance. Ela não deixa o telefone nem por um minuto, ela parece obcecada em checá-lo.

Ele poderia pedir à irmã para tentar acessá-lo à distância, mas ele queria fazê-lo por conta própria, como um verdadeiro espião.

-Seria divertido descobrir se eles estão realmente mandando mensagens de amor. Eu sempre tive a sensação de que eles eram muito apaixonados na juventude. - Suzuha comentou. - Quem sabe, se eles forem bem carinhosos, você pode até ter um irmão mais velho em breve.

Ele ficou irritado com o comentário, que tipo de pesadelo Hashida estava falando? Ele não conseguia imaginar uma situação mais nojenta.

Para ele, seus pais não eram mais do que dois seres assexuados que gostavam de conversar sobre ciência, criar dispositivos futuros e trabalhar da maneira que qualquer outro par de adultos fazia. Além disso, no momento em que o universo decidiu ter um filho, a cegonha interveio: uma ave biotecnológica do mais alto nível, capaz de misturar materiais genéticos de ambos os pais e entregar o produto final na forma de um bebê humano sem nenhum tipo de contato físico entre eles. Ele foi criado dessa maneira, embora também sentisse que mesmo os pássaros super inteligentes poderiam cometer alguns erros.

Ele também teve a hipótese de que eles encontraram sua irmã em algum tipo de repolho mutante extraterrestre. Mas cegonhas e couves eram a explicação mais lógica.

Mensagens de amor estavam fora desse esquema.

-Eles devem estar falando sobre um novo dispositivo futuro. Essa é a situação mais provável. - Ele respondeu.

-Isso parece chato. - Suzuha protestou.

Por sua parte, Shizuka voltou a trabalhar em seu quadro.

-Hashida-san, você sabe o que está acontecendo no antigo laboratório? Talvez eles estejam trabalhando no que estamos procurando.

Suzuha parecia confusa com a pergunta. Depois de um momento, ela se aventurou a admitir a verdade.

-Serei honesta, ainda não sei nada sobre o antigo laboratório. Ainda nem confirmei sua localização.

Keitarou ficou surpreso. Mais de uma semana se passou e Akihabara não era um lugar tão grande para não encontrá-lo naquele tempo.

-Será que o prédio foi demolido?

Talvez fosse melhor enviá-la para Ikebukuro para seguir aquele homem, embora ela acreditasse que não era necessário.

-Tenho certeza de que o prédio ainda existe, mas tenho um problema e é por isso que não fui ao endereço que seu pai me deu.

-Um problema? E qual é?

O silêncio tomou conta do outro lado da tela. A ligação caiu? Não, além da má qualidade, ainda estava funcionando.

Suzuha não estava respondendo.

-Aconteceu alguma coisa?

-A verdade é que...

Ela estava levando muito tempo para terminar a frase, tanto tempo que ele estava começando a se preocupar.

-O que aconteceu? Algo ruim? - Ele insistiu, sem muito sucesso. - Por favor, me diga! Você precisa da minha ajuda?

Suzuha era forte, mas não completamente invulnerável e ele estava ficando preocupado.

-Não, eu estou bem. - Ela respondeu e fechou os olhos.

Ela decidiu confessar tudo de uma vez.

-Mas, para dizer a verdade, comprei uma bicicleta e fiquei ocupado andando a semana toda. Foi por isso que não procurei no laboratório.

Seu comentário foi seguido por um silêncio prolongado. Foi ele quem ficou mudo agora.

-Vamos lá, eu sei que cometi um erro, mas não pude evitar. - Suzuha explicou enquanto Keitarou continuava calado. - Você tem que me entender, andar de bicicleta no passado é especial, Tóquio parecia uma cidade totalmente nova. Você deveria experimentá-lo; o exercício é muito relaxante. Eu até pensei em alguns lugares que podemos visitar juntos. Não foi você que disse que podemos nos divertir, não é?

Ele suspirou.

Mesmo quando ele queria, ele não podia ficar bravo com Hashida Suzuha. Ela estava certa: eles viajaram juntos para o passado e não fizeram nada além de jogar videogame.

-Hashida-san, andaremos de bicicleta na Grande Muralha da China, se é isso que você deseja, mas antes que precisemos terminar nossos negócios em 2012. Não quero ficar nesse tempo mais do que o necessário.

-Você está certo, não seria bom ficar muito tempo aqui. - ela afirmou. - Eu poderia ir para o laboratório amanhã, ou você prefere que eu lhe dê o endereço para que você possa conferir você mesmo?

-Não, eu tenho certeza que a mãe estará em Akihabara amanhã. Eu não quero que ela suspeite que eu a estou seguindo.

Agora que eles trabalhavam juntos, ela podia reconhecê-lo. Se ela começasse a vê-lo em todos os lugares, ele certamente chamaria sua atenção.

Mas o verdadeiro motivo era evitar encontrar o pai.

-Será melhor que você encontre uma maneira de se infiltrar no local. Eu preciso que você veja o laboratório e também Okabe Rintarou, se possível, obtenha todas as informações que puder sobre seus planos.

Suzuha meditou a última parte. Ela não parecia muito convencida com essa tarefa.

-Espionar o tio Okarin no laboratório será uma missão muito difícil, Keitarou. Quero dizer, não posso simplesmente bater na porta e dizer: Olá, sou um membro do futuro e gostaria de saber o que você está fazendo, certo?

Fazer isso seria confessar tudo, então estava fora de questão.

-Você é inteligente. Eu sei que você descobrirá algo para enganá-lo.

Ela parecia duvidar da tarefa novamente, mas ele queria convencê-la a todo custo.

A missão poderia falhar se não chegassem à frente no momento exato em que a máquina havia sido criada. Depois disso, pode ser tarde demais.

-Você é a pessoa mais indicada para este trabalho. Eu daria a Shizuka, mas ela estragaria tudo. - ele não se importava se sua irmã pudesse ouvi-lo. - Eu sei que estou perguntando algo estranho, mas prometo que compensarei você. Se você tiver sucesso, faremos o que quiser.

Era provável que eles fizessem isso de qualquer maneira, mesmo que ela negasse naquele momento. Quase sempre, eles faziam o que ela queria, mas ele não podia evitar: afinal, ele estava apaixonado.

Suzuha retomou sua expressão feliz de sempre.

-Okey-Dokey. Se essa é seu pedido, eu encontrarei uma maneira de me infiltrar no laboratório e descobrir o que eles estão projetando. Dou-lhe a minha palavra como soldado.

A conversa poderia ser tomada como concluída com a promessa.

-Você é uma verdadeira espiã, Hashida-san. Confio que posso deixar esse problema na sua mão.

-Então, o que você vai fazer agora? - Suzuha perguntou.

-Eu tenho de encontrar uma nova maneira. - Ele afirmou com um sotaque estranho. - Até mais, cowboy do espaço-tempo.

-Até mais, futuro bebê número 32. - Ela respondeu.

A comunicação terminou.

Depois de guardar o telefone, Keitarou tentou tomar outro gole de sua bebida, mas o Dk Pepper já estava vazio em suas mãos.

Ele não percebeu que estava bebendo sem parar. Embora ele não gostasse de admitir, aquele cara estava certo: a fórmula mais antiga era melhor. Quando a empresa teve a má ideia de alterar sua receita? Alguém deveria parar com isso.

Sem mais nada para fazer naquele dia, ele pegou o alfinete singular que carregava como amuleto do casaco e deitou no futon, observando-o com a luz que vazava pela janela.

Ele não podia negar, estava curioso para saber como era o famoso "Laboratório de Aparatos Futurísticos". Não é o simbólico no futuro, mas o físico que Hououin Kyouma havia fundado em Akihabara em 2010.

A verdade é que ele não conseguia mais se lembrar da última vez que chamou aquele homem de "pai". Tinha que cido alguns anos atrás, quando eles ainda conversavam. Suzuha o censurou por se recusar a falar com o pai, ele estava sendo imaturo. Uma criança do futuro infantil.

Mas o que sua amiga não entendeu foi que era algum tipo de acordo incalculável entre os dois homens: nem Okabe Keitarou falaria com Okabe Rintarou, nem Okabe Rintarou incomodaria Okabe Keitarou.

Talvez houvesse um tempo em que ambos pudessem fazer coisas juntos como pai e filho, mas isso foi no passado.

Embora relativamente falando, isso ainda não tivesse acontecido.